



A VARIAÇÃO DO ITEM LEXICAL *PONTE* NAS NÃO-CAPITAIS DA REGIÃO NORDESTE DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

THE VARIATION OF *PONTE* LEXICAL ITEM IN LINGUISTIC
ATLAS LINGUISTIC OF BRAZIL (ALiB)'S NON-CAPITALS OF
THE NORTHEAST REGION

Diego Coimbra

Universidade Federal do Pará (diegocoimbrast@gmail.com)

Abdelhak Razky

Universidade Federal do Pará / Universidade de Brasília (arazky@gmail.com)

Resumo: Este estudo visou mapear a variação do item *ponte* nas não-capitais da região Nordeste do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O estudo segue a orientação teórico-metodológica da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996), do método Geossociolinguístico (1996) e da Sociolinguística Quantitativa (GUY; ZILLER, 2007). No total, foram analisados dados de 64 municípios dos estados que compõem a rede de pontos do ALiB-Nordeste. Foram levantadas 11 variantes agrupadas do item *ponte*. Em cada localidade, foram entrevistados 4 informantes estratificados em faixa etária e sexo. Os resultados mostram que o fator diasssexual e diageracional influíram apenas sobre as variantes *ponte* e *pinguela*, ao passo que o fator diatópico exerceu influência sobre as 11 variantes encontradas.

Palavras-chave: Ponte. Variação Lexical; Geossociolinguística; ALiB.

Abstract: This study aimed to map the variation of the *ponte* lexical item in the non-capitals of the Northeast region of the Brazilian Linguistic Atlas (ALiB). The study follows the theoretical-methodological orientation of the *Pluridimensional and Relational Dialectology* (RADTKE, THUN, 1996), *Geossociolinguistic* (1996) and *Quantitative Sociolinguistics* (GUY; ZILLER, 2007) methods. In overall, 64 cities of the states that compose the ALiB-Northeast points network were analyzed. 11 variants of *ponte* were collected. In each city, 4 informants were interviewed, who were stratified in age and sex. The results show that the diasexual and diagenational factors influenced to *ponte* and *pinguela* variants only, while the diatopic factor influenced on the 11 variants found.

Keywords: *Ponte*. Lexical Variation. Geossociolinguistic. ALiB.

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve por objetivo descrever a variação do item lexical *ponte* nas não-capitais da região Nordeste do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), concentrando sua análise na distribuição espacial, bem como nos fatores sociais elencados neste estudo. Serão apresentadas, além das frequências das variantes encontradas para o referido item, as cartas linguísticas estaduais e uma carta regional referente à região em análise.

Para tanto, traçou-se brevemente o percurso pelo qual a Dialectologia no Brasil passou, buscando focalizar nas mudanças dos estudos dialetais desde Nascente (1958), centrando nos aspectos teórico-metodológicos da Dialectologia no Brasil, bem como no volume de produção de atlas linguísticos e outros estudos dialetais antes e depois da elaboração do Projeto ALiB. Destacou-se, ainda, a importância do léxico no contexto social, bem como o registro e análise lexical nos estudos geolinguísticos.

À vista disso, analisou-se a variação do item lexical *ponte*, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Geossociolinguística (1998; 2004), a fim de documentar o patrimônio lexical do português brasileiro e contribuir para o entendimento de suas particularidades. Soma-se a isso o fato de consistir em um estudo inédito sobre a variação do item lexical *ponte* que fornece dados que complementam as pesquisas realizadas sobre o português falado nas não-capitais da região Nordeste, proporcionando maior entendimento sobre a norma lexical brasileira acerca desse item lexical nas não-capitais do país.

1 O IMPACTO DAS MUDANÇAS NA DIALETOLOGIA BRASILEIRA

O que se observa desde o estudo de Nascente (1958) é que a Dialectologia vem expandindo seu campo de análise, ampliando sua metodologia a fim de tornar seus resultados, no que diz respeito à variação linguística, mais consistentes, buscando fatores que vão para além do aspecto geográfico.

Trabalhos de caráter dialetal que foram realizados antes da elaboração do Projeto ALiB, e que se encontram dentro da terceira fase estipulada por Mota e Cardoso (2006)¹, tiveram seu início com o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI et. al., 1963) e, a partir de sua publicação, vários atlas foram publicados sem, no entanto, possuir homogeneidade quanto sua metodologia, tendo em vista que ora priorizavam o fator diatópico ora priorizavam o fator diatópico juntamente com outras dimensões diastráticas. A exemplo de atlas que focavam no aspecto geográfico – e, portanto, possuíam um caráter monodimensional –, tem-se o próprio *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI et. al., 1963), o *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al. 1977) e o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984). No que concerne atlas que consideravam outras dimensões além da diatópica (como as dimensões diageracional, diassexual etc.), encontram-se o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987) e o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994).

Embora esses atlas possuam o mérito de um “amadurecimento de uma mentalidade dialetológica já preconizada em 1957 por Silva Neto” (ROMANO, 2013, p. 207) e da difusão da importância de realização de trabalhos dialetais no território brasileiro, foi a partir de 1996 – com a elaboração do Projeto ALiB – que os atlas publicados na quarta fase da Dialectologia no Brasil passaram a ter um caráter pluridimensional da variação linguísticas nos espaços geográficos,

¹ Mota e Cardoso (2006) propõem quatro fases para o desenvolvimento da Dialectologia no Brasil: a primeira fase diz respeito aos estudos dialetais realizados entre 1826 e 1920; a segunda fase abarca o período de 1921 a 1952; a terceira fase concerne de 1953 a 1996; e, por fim, a quarta fase, a qual corresponde atualidade dos estudos da Dialectologia, diz respeito de 1996 em diante. Essa segmentação da história da produção de estudos dialetais brasileiros correspondem ao foco dado à cada uma das fases, sendo a primeira fase, em suma, o período em que houve volumosos estudos lexicográficos; a segunda fase se limitou a estudar obras gerais acerca do português brasileiro e de regiões específicas do território do país; a terceira fase é o momento em que a ascensão dos estudos geolinguísticos com a produção dos atlas estaduais; e, por fim, a quarta fase constitui o momento em que os trabalhos dialetais passam a utilizar a metodologia desenvolvida pelo ALiB na produção de atlas.

bem como foram realizados sob égide de pressupostos metodológicos que carregavam e carregam a importância de homogeneizar os trabalhos dialetais.

Os atlas pluridimensionais que foram publicados seguindo os pressupostos teórico-metodológicos do Projeto ALiB expandiram os estudos fonéticos e fonológicos, morfossintáticos e estudos semântico-lexicais. A exemplo de atlas que se voltaram para o estudo fonético e lexical, tem-se o projeto *Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALiPA* (1997, 1998), o qual inclui tanto o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA* (2004), que contribuiu significativamente para a expansão do conhecimento acerca da fonética do estado do Pará, dispondo seus dados em CD-ROM², quanto o *Atlas Léxico Sonoro do Pará – ALeSPA*³, o qual objetiva contribuir para os estudos do léxico no território paraense.

Outros atlas como *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS* (OLIVEIRA, 2007), *Atlas Linguístico do Ceará – ALECE* (BESSA, 2010) e *Atlas Linguístico do Amapá – ALAP* (2017) também contribuíram para demonstrar a diversidade da realidade lexical dos estados brasileiros. Além dos estados, trabalhos de teses e dissertações se dedicaram a estudar microrregiões de um determinado espaço geográfico, como foi o caso do *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar* (PEREIRA, 2007), *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC* (CRISTIANINI, 2007) e *Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo* (ENCARNAÇÃO, 2010), os quais contribuíram também para a ampliação do conhecimento lexical do português brasileiro.

Além dos atlas estaduais e microatlas publicados, houve uma significativa ascensão de artigos publicados que ou seguiam a metodologia do Projeto ALiB ou utilizavam o banco de dados do projeto. Dentre esses trabalhos, pode-se citar os trabalhos de Isquerdo e Carvalho (2012), Aguilera e Silva (2012), Mota e Silva (2012), Azevedo e Margotti (2014), Cardoso (2017), Razky, Gomes e Guedes (2017) e Razky, Coimbra e Costa (2018).

Após a publicação dos dois volumes do ALiB (Cardoso et. al., 2014a; 2014b), os estudos acerca do léxico no português brasileiro cresceram significativamente, o que permitiu melhor visualizar o comportamento da competência variacional de uma amostra representativa do português brasileiro

² Segundo Cardoso (2010), o ALiSPA inaugura a terceira geração de atlas linguísticos sob a classificação de *atlas falantes*.

³ Encontra-se ainda em fase de construção.

e, sobretudo, possibilitou a análise dos espaços geográficos e sociais em todo o território nacional, seguindo a metodologia implementada na rede de pontos de inquérito do ALiB.

2 O LÉXICO E A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA VARIAÇÃO LEXICAL

Um estudo acerca do léxico de uma determinada comunidade pode pôr em relevo aspectos culturais, históricos, sociais, étnicos etc., tendo em vista que

O léxico é o acervo vocabular de uma língua, utilizado pelo homem para nomear a realidade ao seu redor, transmitir ideias e mesmo organizar pensamentos. Esse repertório lexical reflete aspectos culturais da sociedade que utiliza e seu estudo propicia não só um melhor conhecimento da língua em uso por um dado grupo social, como também fornece pistas sobre o modo de viver e de pensar desse mesmo grupo, além de fornecer subsídio para a identificação de influências extralinguísticas e comportamentais incorporadas pelo acervo lexical de uma língua. (COSTA; ISQUERDO, 2014, p. 144)

O léxico é o nível linguístico que representa o modo como uma comunidade concretiza, por meio da fala, o que se vê do mundo ordinário, bem como das sensações naturalmente abstratas que o homem experiencia. O léxico de um determinado grupo social “atesta seus valores, suas crenças e também a forma com que nomeia os referentes do mundo físico e do universo cultural em diferentes épocas da sua história” (ISQUERDO, 2003, p. 165).

Dentro desse nível da língua, os estudos dialetais exercem, portanto, uma importante ferramenta de documentação do uso do arcabouço lexical de uma determinada comunidade em um determinado tempo e espaço (geográfico e social), documentação essa que constitui, também, o patrimônio imaterial de um grupo social. “De fato, a norma lexical do português do Brasil, produto da diversidade sociocultural do país, aglutina unidades lexicais de uso restrito dos habitantes de uma região, em oposição às de uso geral, em todo o território nacional” (COSTA; ISQUERDO, 2010, p. 32), o que evidencia os regionalismos que formam a identidade de cada região político-administrativa que compõem o território brasileiro.

Embora o registro do léxico em forma de atlas linguístico seja de suma importância, ele, “por si só, não é o bastante para a compreensão da variação diatópica” (PINHO; MARGOTTI, 2009, p. 51), tampouco é suficiente para o registro terminológico do léxico de cada comunidade. No entanto, dicionários e

glossários⁴ constituem meios consistentes de registro lexical (2011), porém, no tocante a variação lexical em atlas, “após a coleta, sistematização e publicação dos dados geolinguísticos, deve haver estudos que os interpretem, buscando em trabalhos socio-históricos a explicação (ou origem) da disposição dos dialetos pelo espaço geográfico” (*opcit*, p. 52).

Alguns trabalhos que contribuíram para o conhecimento do léxico do português, a partir de uma perspectiva geolinguística, pode-se citar o trabalho de Cardoso e Ferreira (1999) que estudaram a variação lexical de *arco-íris*; Freitas e Isquerdo (2009) que investigaram as designações para *trilheiro*; Razky, Costa e Oliveira (2010) que realizaram um estudo acerca da variação do item lexical *cigarro de palha*; Paim (2011) que estudou a variação lexical do campo semântico *corpo humano* e *ciclos da vida*; Aragão (2012) que investigou a variação lexical de *marido enganado*; Razky e Costa (2014) que levantaram um estudo sobre *cigarro de palha* e *toco de cigarro*; entre outros. Desse modo, esse artigo, o qual busca estudar a variação do item lexical *ponte* nas não-capitais da região Nordeste, tem o objetivo de somar-se a essa gama de estudos pluridimensionais e, conseqüentemente, ampliar o conhecimento lexical do português falado no território brasileiro.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho segue uma orientação geossociolinguística. Tem por base uma investigação *in loco* realizada pela equipe do projeto ALiB a partir de uma rede de pontos, uma amostra de informantes estratificados e um questionário semântico-lexical. Os dados oriundos dessa metodologia são em seguida organizados num banco de dados e submetidos a uma análise geossocial.

A rede de pontos do ALiB apresenta 250 pontos de inquérito. Em cada uma delas foram entrevistados 4 informantes. Para esta pesquisa, selecionou-se 64 localidades, de acordo com o *Quadro 01* a seguir:

⁴ A exemplos desses estudos, pode se citar o trabalho de Lima (2010), que buscou estudar a terminologia da indústria madeireira, e Martins (2007), que inventariou a terminologia da indústria do alumínio.

Quadro 01: Localidades investigadas

REGIÃO	ESTADO	PONTOS
REGIÃO NORDESTE	Maranhão	Turiaçu, Bacabal, Imperatriz, Tuntum, São João dos Patos, Balsas, Alto Parnaíba
	Piauí	Piripiri, Picos, Canto do Buriti, Monte Alegre do Piauí
	Ceará	Sobral, Ipu, Crateús, Quixeramobim, Russas, Limoeiro do Norte, Tauá, Iguatu, Crato
	Rio Grande do Norte	Mossoró, Pau de Ferros, Caicó
	Paraíba	Cuité, Cajazeiras, Itaporanga, Patos
	Pernambuco	Exu, Salgueiro, Limoeiro, Olinda, Afrânio, Cabrobó, Arcoverde, Caruaru, Floresta, Garanhuns, Petrolina
	Alagoas	União dos Palmares, Santana de Ipanema, Arapiraca
	Sergipe	Propriá, Estância
	Bahia	Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabralia, Caravelas

No que concerne o *corpus*, o ALiB apresenta 1.100 informantes em todo o território brasileiro, estratificados em sexo (2 homens e 2 mulheres) e faixa etária (2 informantes entre 18-30 anos e 2 informantes entre 50-65 anos). Para esta pesquisa, fez-se um recorte de 256 informantes, sendo 4 de cada localidade. Quanto à recolha de dado do ALiB, utilizou-se o Questionário Semântico-lexical (QSL)⁵, do qual utilizou-se, para esta pesquisa, somente o item *ponte* do campo semântico *Acidentes geográficos*.

Para a organização e análise dos dados, fez-se o recorte das respostas dos informantes com auxílio do programa computacional *Cool Edit Pro 2.0*. As respostas obtidas foram transcritas em planilhas estruturadas segundo a estratificação e o espaço geográfico, o que possibilitou, posteriormente, a

⁵ O Questionário Semântico-Lexical (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) apresenta 202 itens distribuídos em 14 campos semânticos: *Acidentes geográficos; Fenômenos atmosféricos; Astros e tempo; Flora; Atividades agropastoris; Fauna; Corpo humano; Cultura e convívio; Ciclos da vida; Religiões e crenças; Festas e divertimentos; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário.*

quantificação dos dados encontrados com o auxílio do programa estatístico-computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para, em seguida, organizá-los em tabelas. Por fim, agrupou-se as variantes que se assemelhavam fonética e morfológicamente e apresentavam o mesmo conteúdo semântico-lexical (como em [trave'siə], [tra'vesə] e [põte'ãw], [põʃi'kãw]), o que possibilitou a melhora na visualização da distribuição da variação no território nordestino no momento do mapeamento linguístico⁶.

Para a análise dos resultados obtidos de cada variável, dividiu-se da seguinte forma: a) *dimensão diatópica*, que foi subdividida em *estados e municípios*; e b) *dimensão diastrática*, que foi subdividida em *sexo e faixa etária*.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados apontou a presença de 32 variantes⁷ do item lexical *ponte*, as quais foram agrupadas em 11 variantes, a saber: *ponte*, *pinguela*, *passagem*, *pau*, *passarela*, *passagem molhada*, *tronco*, *travessia*, *tábua*, *ponteão* e *viela*.

Os resultados mostram a dimensão diatópica como fator determinante. A variante *ponte* abarcou todos os estados nordestinos. A variante *pinguela* se fez presente em todos os estados, à exceção do Piauí. A variante *passagem* apresentou ocorrência significativa no Ceará. A variante *pau*, por sua vez, apresentou maior frequência no Maranhão. As variantes *passarela* e *passagem molhada* atingiram maior índice de frequência no Piauí e na Paraíba. As variantes *tronco* e *viela* obtiveram maior incidência em Alagoas, enquanto *travessia* apresentou maior ocorrência no Maranhão. A variante *tábua* apresentou percentual significativo no Ceará. A variante *ponteão*, por fim, obteve baixa incidência no território nordestino, porém apresentaram ocorrência em Alagoas, Sergipe e Bahia.

Dentre as variáveis sociais, a dimensão diageracional foi significativa para apenas duas variantes: *ponte*, que caracterizou a fala dos informantes da 1ª faixa etária, e *pinguela*, que caracterizou a fala dos informantes da 2ª faixa etária.

⁶ Para a elaboração do mapeamento linguístico, elaborou-se, com o auxílio do programa computacional *QGIS*, cartas dos estados da região Nordeste a fim de auxiliar na visualização da distribuição da variação.

⁷ *ponte*, *pinguela*, *travessia*, *pontilhão*, *passarela*, *viela*, *passagem*, *pau*, *travessa*, *tronco*, *tábua*, *barrote*, *estiva*, *madeira*, *passadia*, *passadio*, *passadiz*, *passador*, *passagem molhada*, *passagem seca*, *pinguelo*, *pontalete*, *ponteão*, *ponteãozinho*, *pontezinha*, *pontinha*, *toco*, *travessão*, *varão*, *vielazinha*, *ponte molhada* e *estria*.

A variação diasssexual influenciou também nas variantes *ponte* e *pinguela*, tendo a primeira maior frequência entre os informantes do sexo feminino, ao passo que a segunda foi mais recorrente entre os informantes do sexo masculino.

Essa secessão em dimensão diatópica e dimensão diastrática na análise dos dados, bem como suas respectivas subdivisões, auxiliaram na compreensão da influência que esses fatores exercem no comportamento da variável *ponte*.

4.1 Dimensão diatópica

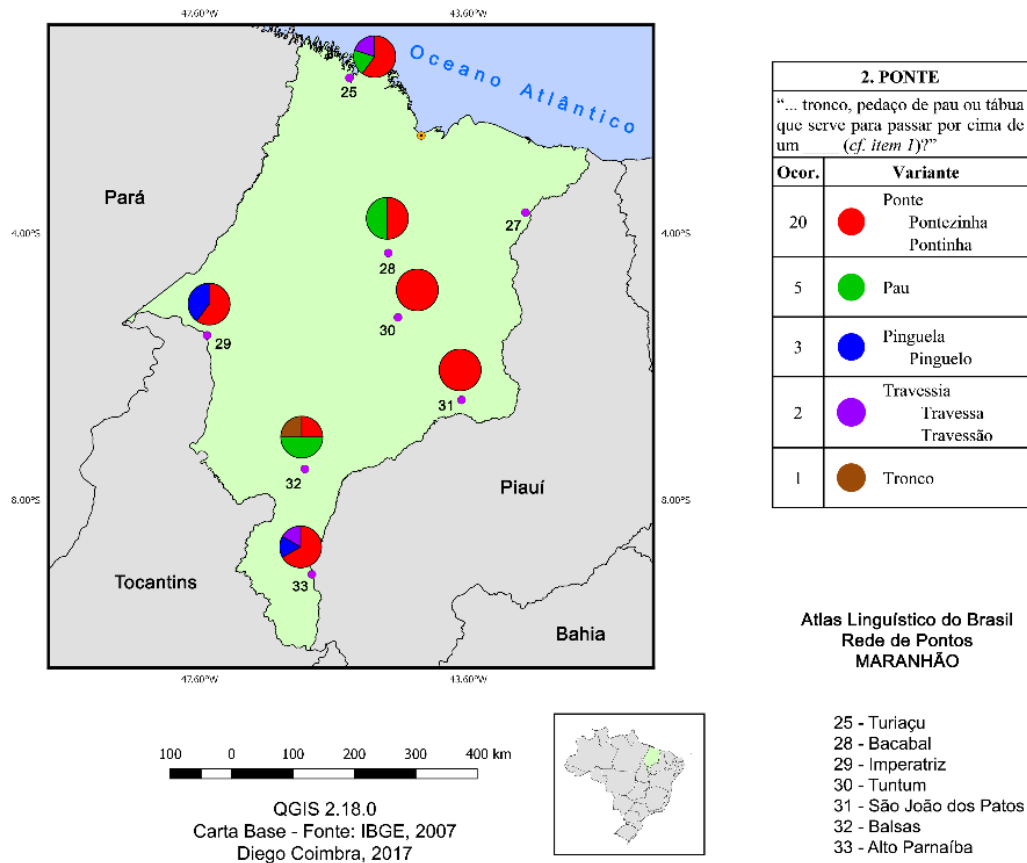
A análise da dimensão diatópica se subdivide em intra-estadual, na qual observou-se o comportamento de *ponte* nos 64 municípios dos estados nordestinos considerados neste estudo; e em interestadual, na qual, dentro da diatopia local, observou-se a configuração da variação de *ponte* nos nove estados (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) que configuram a região Nordeste.

4.1.1 Dimensão intra-estadual

4.1.1.1 Maranhão

A *Figura 01* mostra que, destinando o foco de análise para os municípios, existem duas realizações categóricas: a da variante *ponte* em Tuntum e São João dos Patos. A variante *pau* obteve a realização de 50% de frequência tanto em Bacabal quanto em Balsas. Embora *pinguela* não apresente um comportamento semelhante, essa se destaca em Imperatriz (40%).

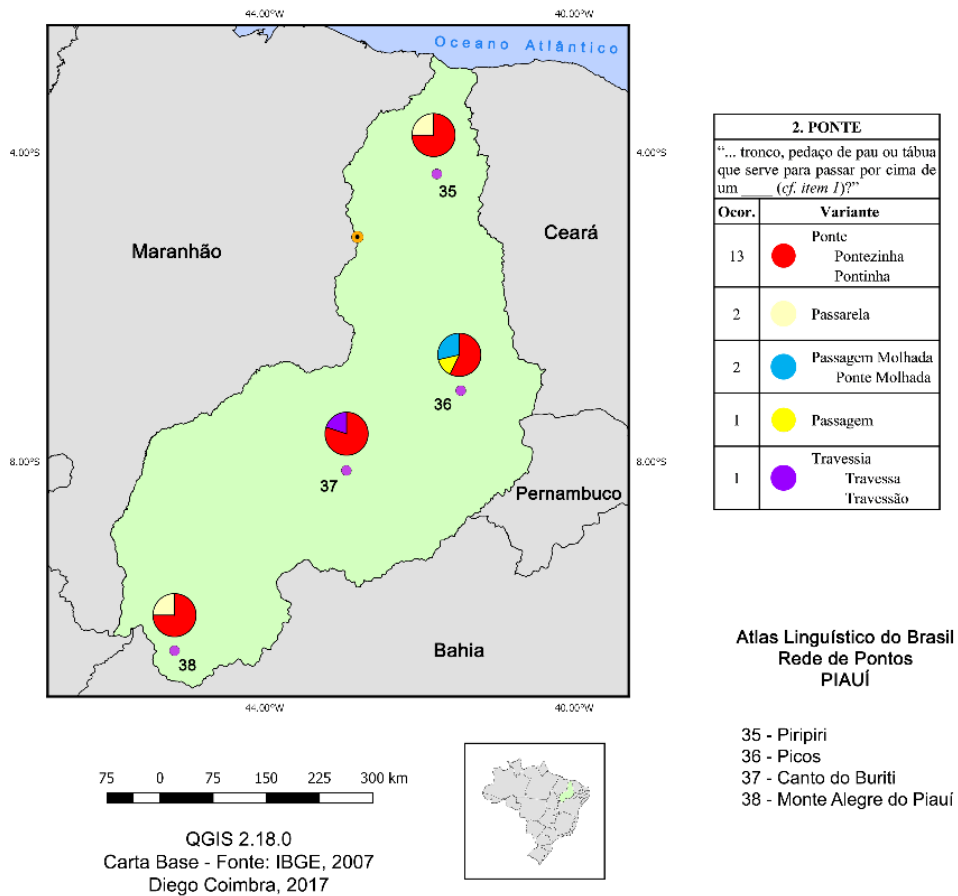
Figura 01 – Carta 01: Ponte (Maranhão)



4.1.1.2 Piauí

No estado do Piauí, como a *Figura 02* evidencia, há a predominância da variante *ponte* em todas as localidades analisadas. Dentre as demais variantes, destacam-se *passarela* – a qual obteve frequência de 25% tanto em Piri-piri quanto em Monte Alegre do Piauí – e *passagem molhada* – a qual obteve frequência de 28,6% em Picos. As variantes *passagem* e *travessia* – que obtiveram a menor frequência dentre os municípios piauienses – atingiram, respectivamente, apenas 14,3% em Picos e 20% em Canto do Buriti.

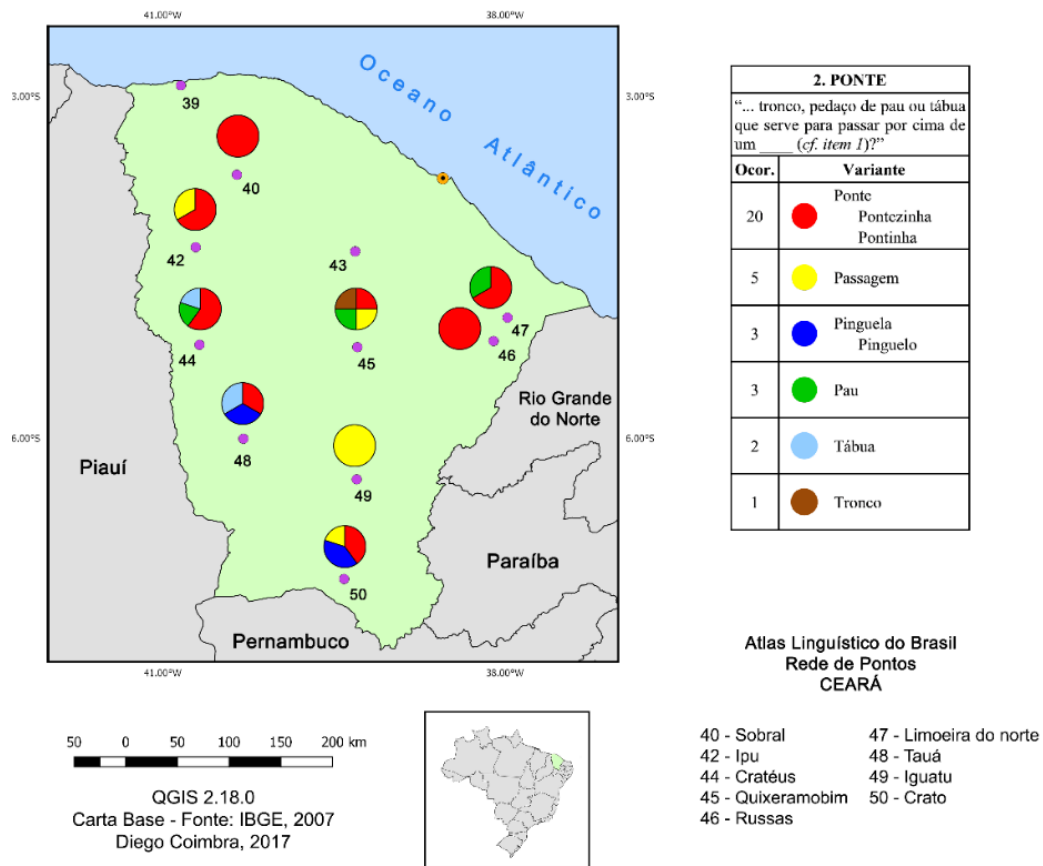
Figura 02 – Carta 02: Ponte (Piauí)



4.1.1.3 Ceará

No estado do Ceará, como mostra a *Figura 03*, a variante *ponte* foi predominante – havendo realização categórica em Sobral e Russas – dentre os municípios analisados, a exceção de Iguatu, onde a ocorrência da variante *passagem* foi categórica. Essa variante ocorreu em outras três localidades, a saber: Ipu (33,3%), Quixeramobim (25%) e Crato (20%). Quanto à variante *pinguela*, essa ocorreu em dois municípios: Crato (40%) e Tauá (33,3%). As realizações da variante *pau* ocorreram nos municípios de Limoeiro do Norte, Crateús e Quixeramobim, onde apresentou, respectivamente, as frequências de 33,3%, 25% e 20%. A variante *tábuá* apresentou baixa representatividade no território cearense, contudo se fez presente em dois municípios: Tauá (33,3%) e Crateús (20%), bem como a variante *tronco* que apresentou frequência de 25% somente em Quixeramobim.

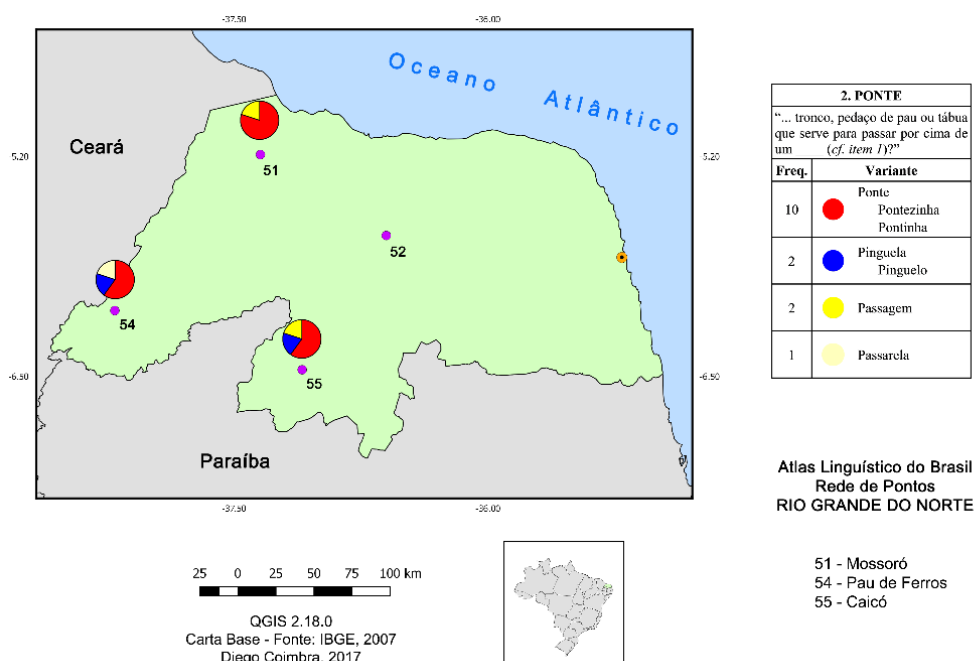
Figura 03 – Carta 03: Ponte (Ceará)



4.1.1.4 Rio Grande do Norte

A variante *ponte*, como pode-se notar na *Figura 04*, caracterizou a fala do estado do Rio Grande do Norte, apresentando frequência predominante em todos os municípios potiguares. Todavia, a variante *pinguela* se fez presente em dois municípios: Pau de Ferros (20%) e Caicó (20%), bem como a variante *passagem* que apresentou frequência significativa tanto em Mossoró (20%) quanto em Caicó (20%). A variante *passarela* obteve índice de ocorrência baixo, sendo realizada com frequência de 20% somente em Pau de Ferros.

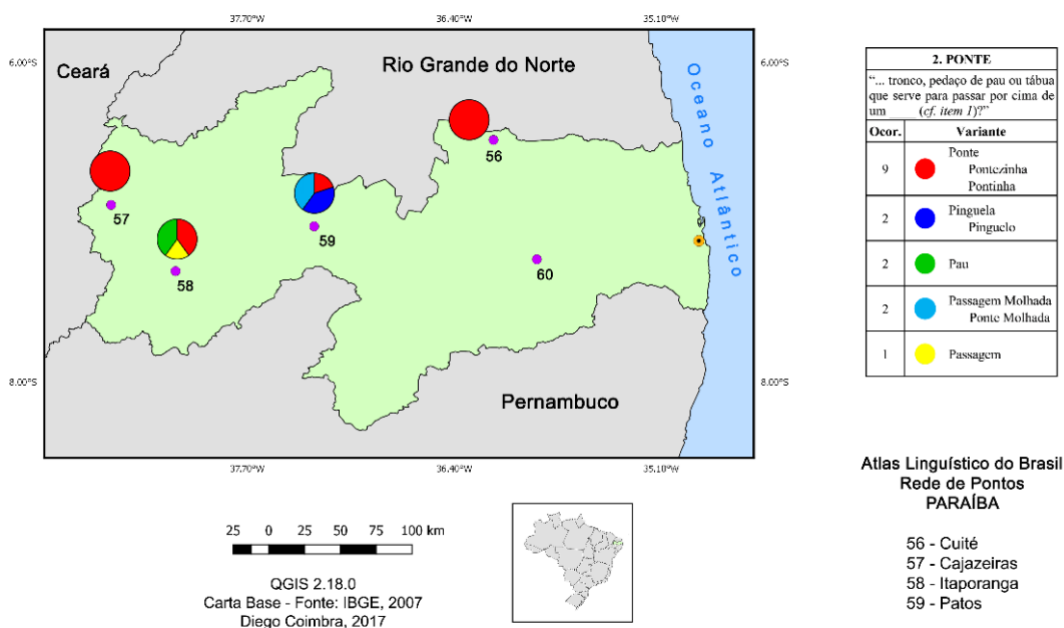
Figura 04 – Carta 04: Ponte (Rio Grande do Norte)



4.1.1.5 Paraíba

No estado da Paraíba, como põe em relevo a *Figura 05*, houve a predominância da variante *ponte* – havendo realização categórica em Cuité e Cajazeiras – dentre os municípios analisados, a exceção de Patos, onde as variantes *passagem molhada* e *pinguela* obtiveram maior ocorrência, apresentando 40% cada. A realização das variantes *pau* e *passagem* se concentrou somente em Itaporanga, onde apresentaram, respectivamente, frequência de 40% e 20%.

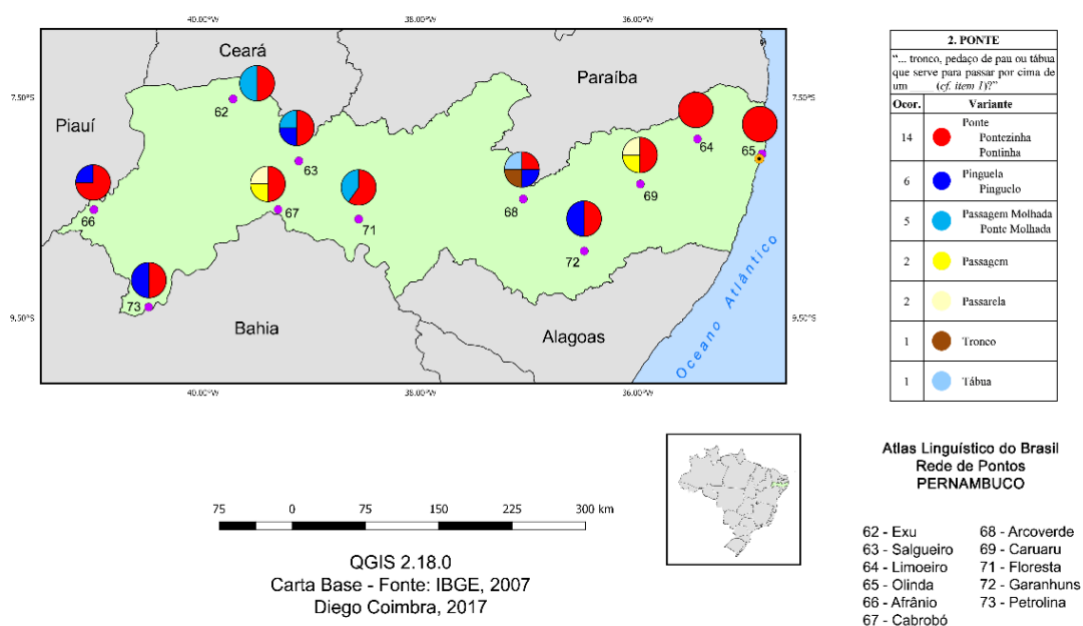
Figura 05 – Carta 05: Ponte (Paraíba)



4.1.1.6 Pernambuco

A variante *ponte*, como é possível notar na Figura 06, caracterizou a fala do estado de Pernambuco, apresentando frequência predominante em todos os municípios pernambucanos, realizando-se categoricamente em Limoeiro e Olinda. A variante *pinguela*, após a variante *ponte*, foi a que apresentou maior frequência no estado nos municípios de Garanhuns (50%), Petrolina (50%), Arcoverde (25%), Afrânio (25%) e Salgueiro (25%). Quanto à variante *passagem molhada*, essa apresentou significativa frequência em três municípios: Exu (50%), Floresta (40%) e Salgueiro (25%). As variantes *passagem* e *passarela* apresentaram 25% cada nos mesmos municípios, a saber: Cabrobó e Caruaru. As variantes *tronco* e *tábua*, apesar da baixa ocorrência, concentraram-se no mesmo município (Arcoverde) com 25% de frequência cada.

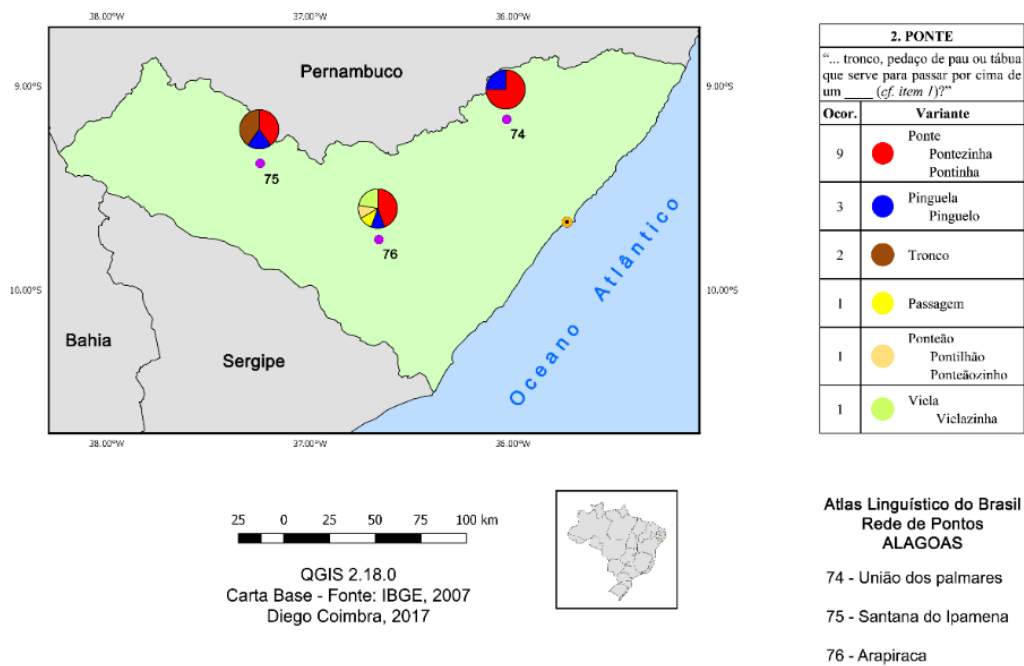
Figura 06 – Carta 06: Ponte (Pernambuco)



4.1.1.7 Alagoas

Percebe-se, na Figura 07, que a variante *ponte* predominou em todos os municípios do estado de Alagoas selecionados para este estudo, contudo, a variante *pinguela* obteve, também, aplicação, ainda que menor, em todos os municípios selecionados, apresentando frequência de 25%, 20% e 11,1% em, respectivamente, União dos Palmares, Santana do Ipanema e Arapiraca. A variante *tronco* foi realizada apenas em Santana do Ipanema, entretanto sua aplicação atingiu a máxima de 40% de frequência. Destaca-se, aqui, o município de Arapiraca, pois nesse houve a aplicação de cinco variantes (*ponte*, *pinguela*, *passagem*, *ponteão* e *viela*), demonstrando ser uma região de maior diversidade lexical do território alagoano.

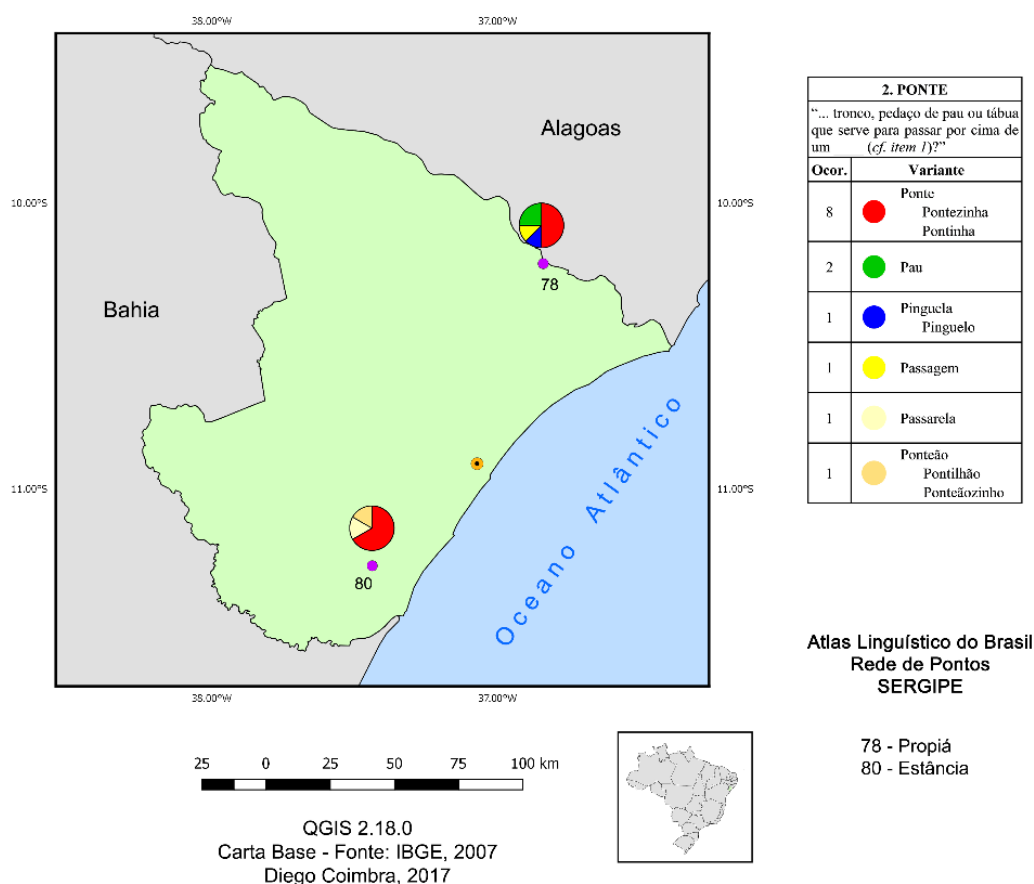
Figura 07 – Carta 07: Ponte (Alagoas)



4.1.1.8 Sergipe

As localidades selecionadas para o estado de Sergipe, como evidencia a Figura 08, demonstraram que *ponte* é a variante que mais ocorreu. As variantes *pau*, *pinguela* e *passagem* se concentraram apenas no município de Propriá com frequência de, respectivamente, 25%, 12,5% e 12,5%, ao passo que as variantes *passarela* e *ponteão* convergiram no município de Estância com frequência de 16,7% cada.

Figura 08 – Carta 08: Ponte (Sergipe)



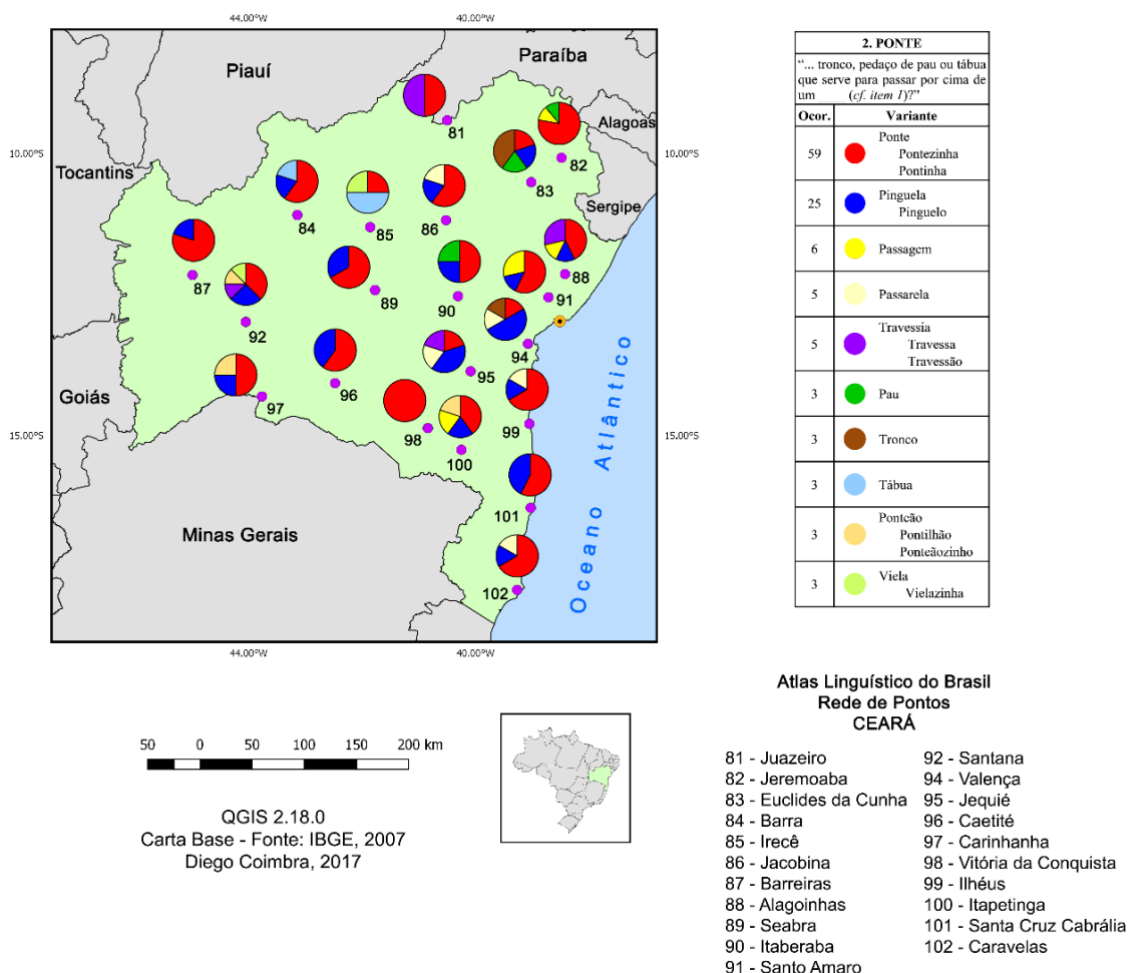
4.1.1.9 Bahia

O estado da Bahia, como pode-se notar na *Figura 09*, demonstrou ser o estado mais produtivo quanto à variação do item *ponte*, apresentando dez das onze variantes levantadas no território nordestino.

Como nos demais estados, a fala do território baiano se caracterizou pela variante *ponte* em que predominou em quase todos os municípios – havendo realização categórica no município de Vitória da Conquista – a exceção de Euclides da Cunha, Irecê, Valença e Jequié. A variante *pinguela* se demonstrou significativamente produtiva entre os municípios baianos, alcançando maiores índices de frequência em Valença (50%), Santa Cruz Cabrália (42,9%) Jequié (40%) e Caetité (40%). No que concerne à variante *passagem*, essa ocorreu em quatro municípios, a saber: Santo Amaro (28,6%), Itapetinga (20%), Alagoinhas (14,3%) e Jeremoabo (11,1%). A variante *passarela* também obteve realizações em quatro municípios: Jacobina (20%), Jequié (20%), Valença (16,7%) e Ilhéus (16,7%). Referente à variante *travessia*, essa só apresentou frequência

significativa em Juazeiro (50%) e Alagoinhas (28,6%), bem como a variante *tábua* que demonstrou frequência expressiva apenas em Irecê (50%).

Figura 09 – Carta 09: Ponte (Bahia)



4.1.2 Dimensão interestadual

Ao se observar o comportamento das seis variantes de *ponte* que obtiveram maior frequência (*ponte*, *pinguela*, *passagem*, *pau*, *passarela* e *passagem molhada*), outras particularidades se sobressaem nessa dimensão.

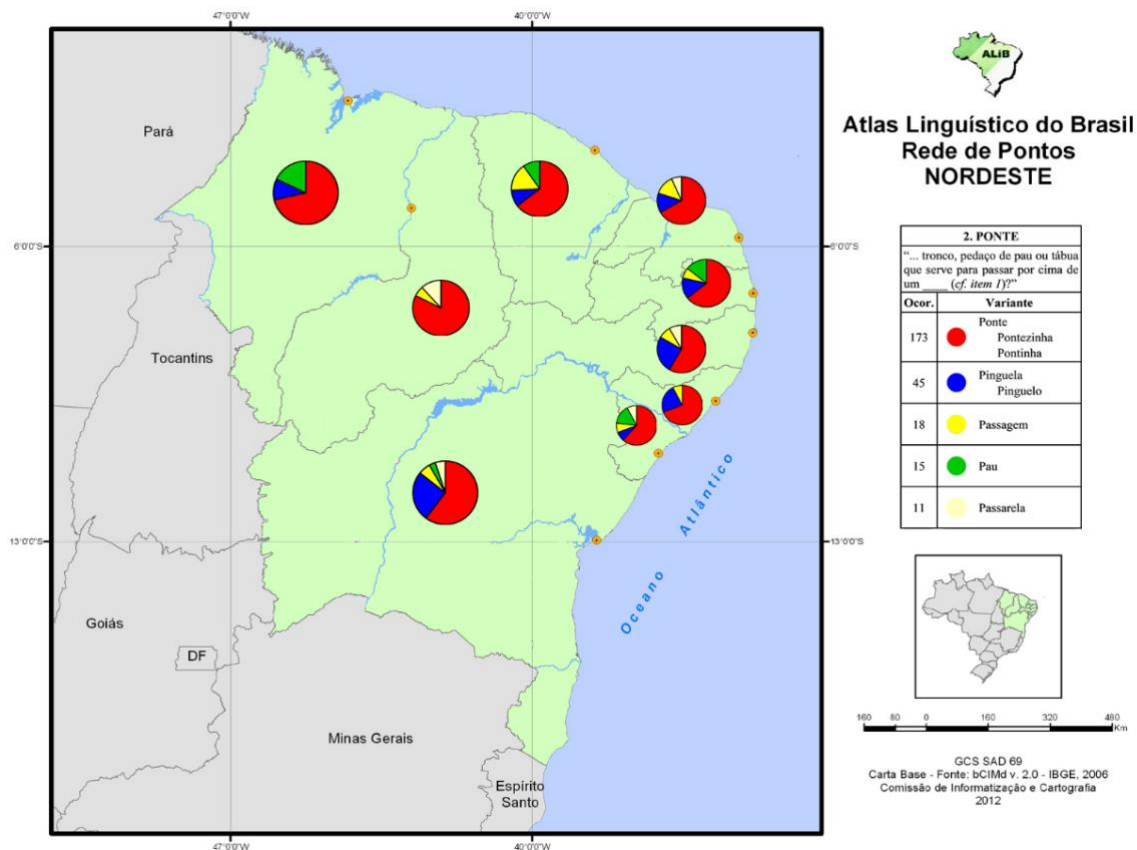
Na dimensão intra-estadual nordestina, percebeu-se que, nos estados selecionados para este estudo, entre as variantes de *ponte* levantadas, a que caracteriza o português falado na região Nordeste (Figura 10) foi *ponte* (57,3%), seguida imediatamente por *pinguela* (14,9%) e *passagem* (6%). Contudo, detendo-se na dimensão interestadual, nota-se particularidades. Para tanto, elaborou-se

a *Tabela 01*, a qual evidencia a ocorrência das variantes em estudo e sua respectiva frequência percentual por estado.

Tabela 01: Estados

Localidade	Ponte		Pinguela		Passagem		Pau		Passarela		Passagem molhada	
	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%
Maranhão	20/31	64,5	3/31	9,3	0/31	0	5/31	16,1	0/31	0	0/31	0
Piauí	14/20	70	0/20	0	1/20	5	0/20	0	2/20	10	2/20	10
Ceará	20/34	58,8	3/34	8,8	5/34	14,7	3/34	8,8	0/34	0	0/34	0
Rio Grande do Norte	10/15	66,7	2/15	13,3	2/15	13,3	0/15	0	1/15	6,7	0/15	0
Paraíba	9/16	56,2	2/16	12,5	1/16	6,2	2/16	12,5	0/16	0	2/16	12,5
Pernambuco	14/31	45,2	6/31	19,4	2/31	6,5	0/31	0	2/31	6,5	5/31	16,1
Alagoas	9/17	52,9	3/17	17,6	1/31	5,9	0/17	0	0/17	0	0/17	0
Sergipe	8/14	57,1	1/14	7,1	1/14	7,1	2/14	14,3	1/14	7,1	0/14	0
Bahia	59/115	51,3	25/115	21,7	6/115	5,2	3/115	2,6	5/115	4,3	0/115	0
Total	173/302	57,3	45/302	14,9	18/302	6	15/302	5	11/302	3,6	9/302	3

Figura 10 – Carta 10: Região Nordeste (Estados)



A Tabela 01 nos permite identificar que, em todos os estados da região Nordeste, a variante *ponte* possui maior frequência, não demonstrando grande variabilidade. No que concerne a variante *pinguela*, sendo a variante de maior incidência após *ponte*, essa se concentrou nos estados do Rio Grande do Norte (13,3%), Paraíba (12,5%), Pernambuco (19,4%), Alagoas (17,6%) e Bahia (21,7%). Resultados esses evidenciados na Figura 10.

4.2 Dimensão social

4.2.1 Sexo

Viu-se que, do ponto de vista geográfico, a variante *ponte* é a que predomina no português falado nos estados nordestinos. A análise diasssexual revela que a ocorrência dessa variante predominou com 63,6%, nas informantes do sexo feminino, enquanto os informantes do sexo masculino apresentaram 52,4% de frequência.

Tabela 02: Sexo

Sexo	Ponte		Pinguela		Passagem		Pau		Passarela		Passagem molhada	
	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%
Masculino	89/170	52,4	33/170	19,4	14/170	8,2	5/170	2,9	8/170	4,7	3/170	1,8
Feminino	84/132	63,6	12/132	9,1	4/132	3	10/170	7,6	3/170	2,3	6/170	4,5
Total	173/302	57,3	45/302	14,9	18/302	6	15/302	5	11/302	3,6	9/302	3

A Tabela 02 revela, ainda, que, entre as variantes de *ponte* com maior frequência, as variantes mais usadas pelos informantes do sexo masculino são *pinguela* (19,4%), *passagem* (8,2%) e *passarela* (4,7%). Ao passo que, entre as informantes do sexo feminino, prevaleceram as variantes *ponte* (63,6%), *pau* (7,6%) e *passagem molhada* (4,5%).

4.2.2 Faixa etária

Em relação à faixa etária, a variante *ponte* predominou entre os falantes da 1ª faixa etária com 67,9%, enquanto essa variante ocorreu em 48,1% dos falantes da 2ª faixa etária. A variante *pinguela* foi característica da fala dos informantes da 2ª faixa etária, alcançando a frequência total de 24,7%, ao passo que, nos informantes da 1ª faixa etária, essa variante obteve frequência total de apenas 3,6%.

Tabela 03: Faixa etária

Faixa Etária	Ponte		Pinguela		Passagem		Pau		Passarela		Passagem molhada	
	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%
1ª	95/140	67,9	5/140	3,6	10/140	7,1	6/140	4,3	6/140	4,3	6/140	4,3
2ª	78/162	48,1	40/162	24,7	8/162	4,9	9/140	5,6	5/162	3,1	3/162	1,9
Total	173/302	57,3	45/302	14,9	18/302	6	15/302	5	11/302	3,6	9/302	3

Ademais, a Tabela 03 evidencia a predominância, entre os falantes da 1ª faixa etária, de *ponte* (67,9%), *passagem* (7,1%), *passarela* (4,3%) e *passagem molhada* (4,3%). Ao que tange os informantes da 2ª faixa etária, prevaleceram as variantes *pinguela* (24,7%) e *pau* (8,2%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados evidenciam que, dentre as 11 variantes encontradas neste estudo, apenas duas se mostram produtivas na variação do item lexical *ponte*, quais sejam: *ponte* e *pinguela*.

Os resultados concernentes aos fatores externos mostram que, no que concerne o fator diasssexual, na fala das informantes do sexo feminino predomina a variante *ponte*, ao passo que na fala dos informantes do sexo masculino predomina a variante *pinguela*. O fator diageracional confirma uma distinção significativa de uso também das variantes *ponte* e *pinguela*: a variante *ponte* obteve maior frequência na 1ª faixa etária, ao passo que a variante *pinguela* alcançou maiores índices de ocorrência na 2ª faixa etária. Esse resultado pode levar a crer que há uma mudança em curso, visto que a variante *pinguela* se encontra majoritariamente na fala dos mais velhos, enfraquecendo seu uso com o tempo.

Em relação ao fator diatópico, esse apresenta influência quanto ao uso das variantes listadas, demonstrando que os fatores intra-estadual e interestadual determinam a escolha das variantes da variável estudada. Quanto ao mapeamento linguístico, verificou-se que a organização fonética e morfológica se faz primordial para a perspectiva de análise proposta.

Ademais, observou-se que as variantes, uma vez agrupadas, concentram-se em regiões específicas do território nordestino, formando arcos dentro do espaço geográfico regional, os quais, por sua vez, apontam para possíveis rotas de migração na região Nordeste do país. A partir dessa observação, produzir-se-á, em outro estudo, cartas de agrupamentos lexicais (2015) a fim de verificar a relevância da forma como essas variantes se distribuem no território nordestino.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. Atlas Linguístico do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- _____; SILVA, H. Os dados lexicais do ALiB podem revelar que o velho permanece novo?. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; PAIM, M. (orgs.). *Documento 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 303-318.
- ARAGÃO, M. do S.; BEZERRA DE MENEZES, C. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

_____. Variantes Léxico-Semânticas de ‘marido enganado’ nas capitais brasileiras: dados do ALiB. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA – II CIDS, *Anais*, UFPA, Belém, 2012.

_____. Variantes regionais e sociais de “prostituta” em capitais nordestinas: dados do ALiB. In: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides; OLIVEIRA, Marilucia; COSTA, Eliane. *Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores. 2014, p. 127-142.

AZEVEDO, O.; MARGOTTI, F. Variação léxico-semântica e geolinguística no português falado no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). In: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides; OLIVEIRA, Marilucia; COSTA, Eliane. *Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores. 2014, p. 203-228.

BESSA, J. *Atlas Linguístico do Ceará. Vol.I – Introdução, Vol.II – Cartogramas*. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

CARDOSO, S. Geolinguística: ampliando fronteiras para o conhecimento do português do Brasil. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M.; LIMA, A. (orgs.). *Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 119-136.

_____; FERREIRA, C. Arco-íris no Brasil: um estudo linguístico-antropológico a partir dos atlas regionais. *Revista do GELNE (UFC)*, Fortaleza, v.2, 1999, p. 21-24.

_____; MOTA, J.; AGUILERA, V.; ARAGÃO, M.; INSQUERDO, A. ; RAZKY, A.; MARGOTTI, F.; ALTENHOFEN, C.. *Atlas Linguístico do Brasil, vol. 1*. Londrina: Eduel, 2014a.

_____. *Atlas Linguístico do Brasil, vol. 2*. Londrina: Eduel, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): questionários*, 2001.

COSTA, D.; ISQUERDO, A.; Tupinismos e regionalismo: perspectivas lexicográficas e geolinguística. *Papéis*, v. 14, n. 27, 2010, p. 27-44.

_____. “Menino”, “guri”, “piá”, “curumim” e “moleque” nas capitais brasileiras: contribuições do projeto ALiB. In: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides; OLIVEIRA, Marilucia; COSTA, Eliane. *Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores. 2014, p. 143-164.

CRISTIANINI, A. *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC*. Tese de Doutorado apresentada ao departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007).

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo*. 3 vol. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, C. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador. Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

-
- FINATTO, M. Ferramentas computacionais para o estudo do léxico. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M.; LIMA, A. (orgs.). *Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 263-282
- FREITAS, L. G.; ISQUERDO, A. N. Um estudo das designações para "trilheiro" na fala dos habitantes das capitais da região centro-oeste: contribuições do projeto ALIB. In: 5º Encontro do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste - GELCO, 2011, Dourados - MS. *ANAIS do 5º Encontro do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste GELCO*.
- GUY, G.; ZILLER, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ISQUERDO, A. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J.; VACONCELOS, C. (orgs.). *História, região e identidades*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2003, p. 165-181.
- _____; CARVALHO, P. Léxico e ambiente rural: um estudo de designações para *trabalhador de enxada em roça alheia* no Centro-oeste do Brasil. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; PAIM, M. (orgs.). *Documento 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 251-262.
- _____. (orgs.). *Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores (Vol. II)*. ISBN: 978-85-7846-130-0, 2012.
- LIMA, A. F. de. *Socioterminologia da indústria madeireira*. 2010. 377 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- MARTINS, A. F. C. *Terminologia da indústria do alumínio*. 2007. 238f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Sobre a Dialetoleologia no Brasil. In.: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.
- _____. (orgs.). *Documentos 5 (Projeto Atlas Linguístico do Brasil): avaliação e perspectiva*. Quarteto Editora, 2015.
- _____. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do *status* da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. In: *Dans Estudos Linguísticos e Literários*. n. 41, Salvador, 2010.
- _____; SILVA, A. O vertical e o horizontal no português falado nas capitais das regiões Sul e Sudeste do Brasil: a ditongação diante de /s/. In: CARDOSO, S.; MOTA, J.; PAIM, M. (orgs.). *Documento 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 117-136.
- NASCENTES, A. *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.
- OLIVEIRA, D. P. de (Org.). *ALMS - Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007, p. 271.

PAIM, M. A variação lexical nos campos semânticos *corpo humano* e *ciclos da vida*: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, 2011, p. 143-159.

PEREIRA, M. das N. *Atlas geolinguístico do litoral potiguar*. Rio de Janeiro. UFRJ, Faculdade de Letras, 2007. 2v. Vol I: 123p. mimeo. Vol II 189p. mimeo. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, A; COIMBRA, D.; COSTA, E. Variação léxico-semântica e agrupamento lexical do item *cambalhota* no Atlas Léxico-Sonoro do Pará (ALESPA). *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, nº 40, jul-dez, 2018.

_____; COSTA, E. Os itens lexicais cigarro de palha e toco de cigarro nos Atlas Linguísticos Brasileiros. In: RAZKY, A.; LIMA, A.; OLIVEIRA, M.; COSTA, E. *Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores. 2014, p. 165-182.

_____; GOMES, E.; GUEDES, R. Variação lexical na mesorregião Sudeste do Pará: um olhar sobre os dados do Atlas Léxico Sonoro do Pará – AleSPA. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M.; LIMA, A. (orgs.). *Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 209-224.

_____ (org.) (2004). *Atlas linguístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM. [CD-ROM]

_____ et. al. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

_____. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. (orgs.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998, p. 155-164.

_____; COSTA, E. Os itens lexicais cigarro de malha e toco de cigarro nos atlas linguísticos brasileiros. In: RAZKY, A.; LIMA, A.; OLIVEIRA, M.; COSTA, E. *Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores. 2014, p. 165-182.

_____; GUEDES, R. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA). In: CONTINI M.; LAI J. P. *La géographie linguistique au Brésil*. Geolinguistique. Grenoble: ELLUG, 2015, p.149-162.

_____; LIMA, A. F. de. Estudos lexicais e socioterminológicos no Estado do Pará. In: CARDOSO, S.; MEJRI, S.; MOTA, J. (Orgs.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador: Vento Leste, 2011. p. 349-370.

_____; COSTA, E.; OLIVEIRA, M. Variação lexical de “cigarro de palha” no Atlas Linguístico do Brasil. In: RAMOS, C. (orgs.). *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas*. São Luís: EDUFMA, 2010, p. 149-165.

RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROMANO, V. *Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão*. Entretextos, Londrina, v.13, no 02, p. 203 - 242, jul./dez. 2013.

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28/02/2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 07/06/2019.